

A MARCA OCULTA

Reginaldo Ribeiro

Quem não sente o sabor da vida? Quem não ama alguém? Quem não luta para vencer? Quem não vive uma aventura? Quem não queria ser outra pessoa ou ser diferente de todos? Quem nunca descobriu um segredo antigo de sua família? Quem não quer um milagre?

Nojentas vielas!

As ruas estão pálidas e gélidas na madrugada onde apenas os cães e gatos fazem arruaças pelos becos e latões de lixos espalhados no chão imundo dos largos e calçadas.

Segredos antigos e guardados como a Grande Obra, secreta, porém alcançada por alguns a um passo de mudar a vida de um garoto, que logo será um homem.

De forma notável Miguel descobre que é dotado de algo que ele imagina ser poder, destreza ou absurda habilidade. Uma criança normal; um

adolescente comum; um jovem sonhador e um adulto enfrentando o cotidiano natural. Mas, o sobrenatural existe e isso ele não tem como negar. As circunstâncias o levaram a caminhos sinuosos e pouco percorridos por pessoas simples ou indiferentes ao mundo invisível e inóspitos de maneiras exorbitantes.

Cuidar de quem se ama é uma tarefa não muito fácil em determinadas situações. A falta de compreensão e as dificuldades tornam-se bifurcações atenuantes dentro e fora da alma. Consertar o que precisa ser consertado obtendo a consequência e a coerência dos ajustes aplicados nas situações mais variadas. Saber o que se deve fazer. Aplicar-se com todo empenho e esmero. Esgalhar-se em todas as possibilidades que o toque eufêmico da vida pode oferecer ao herói vivo ou morto e bem composto pelas facetas que formam a determinação e a coragem dum coração aplicado de Alma, Sangue e Metal.

- “Dê-me uma nove milímetros e apaguem meus registros que eu mudo esse mundo!” – detetive Miguel Penedo.

CAPÍTULO I

Na calçada suja de uma rua pouco movimentada ele lia um livro de ficção com muitas páginas de ação e emoção. Parecia empolgado com cada detalhe descrito ali e fomentava seu apreço pela aventura fantástica. Parecia estar perto do fim do penúltimo capítulo e mudava de posição na calçada fria quando alguma parte de seu corpo ficava dolorido. De pronto fechou o livro e deixara o

desfecho do último capítulo para outra hora. Elevou os olhos à figura mais linda que passava por uma esquina próxima. A luz da tardinha capturava o rosto lindo da mais maravilhosa garota daquele bairro. Eram minutos espetaculares de contemplação até que se perdia de vista atrás de postes e passeios arborizados. Tardes incansáveis dormiam no vespertino momento do ocaso antes das trevas dominarem o céu, revestindo o lençol azul-escuro de magníficas estrelas cintilantes. A nostalgia que percorria seu âmago parecia revelar que outras vezes lera o mesmo romance, porém não se lembrava do final dele porque o momento mágico seria esse em que uma figura feminina apareceria e sem querer perdê-la de vista não deixava de fitá-la com apreço e sentimentos impressionantes. O ar tornava-se mais leve enquanto cultivava o olhar fixo na bela e a brisa soprava seu rosto girando seu mundo de interpretações e lamúrias. Cruel o mundo ou o tempo que rouba o simples prazer e os instantes preciosos de visões majestosas e indicam a falta de se ter alguém mais perto. Era jovem. Muito jovem. Na verdade, adolescente. Por isso muita vida ainda estava para ser vivida, cria ele. Os certos tormentos noturnos encheriam todos os âmbitos e isso não demoraria a acontecer. Havia certa hora e hora certa, houvesse o que houvesse. Sairia dali para sua casa que não era tão longe ou se intrometeria nas atividades do mundo incerto de tanta maldade contra a bondade. Uma luta milenar. Não se lembrava de nada de sua infância, mas um dia saberia de alguma coisa, cria ele. Seus pais adotivos eram bons para com ele e seu interior se perguntava se ele tinha sido bom para com seus pais todo esse tempo desde que saíra do orfanato. Um adolescente magricela de cabelos castanhos clarinhos. Cabelos que a luz do sol dourava. Dotado de uma beleza angelical e de olhos e sorriso maravilhosos. Seus pais adotivos lhe chamavam: meu anjo!

Por adorar ficções, cultivava a ideia de que seria um anjo de fato. Gostava de ficar nas partes altas. Subia em muros, árvores e construções e via tudo de cima. Seu coração batia forte e isso é coisa terrena e não angelical. Ignorando esse fato ele nutria o pensamento de que em alguns momentos ele não precisava respirar. Principalmente naquele instante em que via sua garota passar vindo da escola. Estudava na parte da manhã e à tarde lia ficções. Não era muito estudioso porque pegava tudo com muita facilidade, sempre tinha as melhores notas da sala.

Pensava muito na distância que mantinha daquela menina e se consumia no seu adolescente amor. Seria capaz de namorá-la? Mesmo se fosse anjo? O orfanato não tinha dados sobre seus pais verdadeiros. Sabia-se apenas que ele fora a única vítima sobrevivente de um desastre de carro. Há muito resolvera parar de tentar saber do milagre de estar vivo, pois a mágica era o amor que enchia o interior das pessoas. E, ele só podia pensar nisso no momento. Teria a mesma natureza dos outros amantes? Os colegas da mesma rua lhe impuseram o desafio de chegar à menina e saber se ela também toparia a ideia de irem ao cinema qualquer dia daqueles de verão.

O cinema aconteceu. Rolou como o esperado. Gaguejou um bocado até que conseguiu falar com ela e ela veio a topar a saída. Do filme ele não se lembrava direito, mas das mãos delicadas da menina ele nunca se esqueceria. Da pipoca salgada e do beijo que teve sabor de manteiga, essa que engordurou os dedos das mãos deles. Uma galera de oito pessoas. Adolescentes. Amigos que acabavam de sair do cinema e se dirigiam ao ponto de ônibus mais próximo. Os dois apaixonados iam acompanhando os amigos no fim da fila por um largo imundo de lixões revirados por gente e cachorros de rua. Seus olhos percorreram a maldade implícita no coração de três adultos fedendo a bebidas e cigarros. Apertaram o passo até chegarem ao ponto. O poste dali tinha uma luz fraca e a noite entrava na casa das onze horas.

- Tênis, criançada. Ouviram? – um sujeito com barba mal feita se aproximou deles e exibiu uma lâmina que não brilhou por estar suja.

Seu sangue parecia lava vulcânica e seu coração disparou de preocupação com a namorada e os amigos. Duas meninas que principiaram a digitar no celular os números para o socorro foram impedidas com bofetadas violentas e os celulares se espatifaram no asfalto.

- Espero não bater mais em ninguém. Tênis e dinheiro galerinha! – encostou a mão em Dahlia.

- Tire suas mãos fedorentas dela! – pronunciou o garoto enamorado. A fúria lhe subia nas veias em forma de uma erupção catastrófica como se pudesse expeli-la como lava. Seus punhos se fecharam e seus olhos fixaram às figuras horrendas da noite que prejudicavam seu primeiro encontro com a amada e seu passeio com os colegas.

CAPÍTULO II

Acordou balançando a cabeça pesada e pensara se aquilo tinha sido um louco sonho. Pegou o celular e viu a mensagem enviada por Dahlia: “Hoje tem festa na casa do Fabrício... se estiver melhor, compareça. Ontem eu fui te ver. Bjs.”

Levantou desnorteado e se olhou no espelho. Achou que estaria com um olho roxo pelo menos e não constatou nada. Desceu as escadas e entrou na cozinha.

- Seu café está na mesa meu anjo – a doce voz de sua mãe acalmou o fervente coração, ele estava incerto do que acontecera. Teria sido obra de sua mente fantástica?

- Que houve comigo? – fitou a mãe que trazia um bolo de cenoura coberto com chocolate.

- Você não se sentiu bem desde que saiu do cinema antes de ontem e seus amigos lhe trouxeram para casa.

- Eles estavam bem? Quero dizer... não teve ninguém machucado? Nada de polícia e bandidos? – os olhos do garoto percorriam no semblante amoroso da mãe dedicada.

- Meu amor. Peço para que pare de ler essas coisas na parte da tarde e pratique algum esporte. Saia mais com seus amiguinhos – apontou umas revistas em quadrinhos e romances policiais num cesto no canto da copa.

- Ontem, eu dormi o dia inteiro? – pois não se lembrava da visita da menina.

- Depois que viemos do hospital sim. Dormiu a tarde inteira.

Silenciou-se e comeu como se não visse comida por mais de dois dias. E passando por seus livros resolveu ignorá-los nesta tarde de um céu aberto e ensolarado. Olhou para o telefone e não quis ligar para Dahlia. Pois deixaria o que tinha de falar e perguntar sobre o tal dia do cinema para a hora em que a encontrasse, na casa do amigo, mais tarde.

Na pequena praça aglomeravam amigos e conhecidos que iriam curtir a festa de logo mais e o garoto meio tonto de medicamentos chegou e se juntou ao grupo dos mais chegados. Aqueles que foram ao cinema outro dia. Maddoc, Teddy e Lianna escorregaram de mansinho e atravessaram a rua dizendo que comprariam refrigerantes do outro lado da praça.

- O que houve com eles? – anunciou o fato de terem saído antes de receberem os cumprimentos do amigo recém hospitalizado.

- Não houve nada... eles voltarão logo – respondeu Dahlia dando-lhe um estalado beijo na bochecha. – Como é bom te ver corado e em pé. Você nos pregou um grande susto naquele dia...

- Não me lembro de nada. Havia três sujeitos estranhos naquele ponto de ônibus, não havia?

- Não. Três homens se aproximaram quando viram que a gente tinha problemas para te carregar e um deles chamou a ambulância.

- Delirei!? Eu tava muito mal... - a própria afirmação lhe fez sentir um idiota.

- Bota mal nisso!

O menino balançou a cabeça não querendo concordar com o que pareceu ser delírio, embora tão real em sua cabeça. Tirou o braço do pescoço da namorada e fitou Clara e Anne. Notou hematomas no rosto e pescoço de uma e nos braços e testa de outra. Todos mal escondidos pela maquiagem.

- Que aconteceu com vocês? – apontou para o próprio rosto indicando os roxos e vermelhões das meninas.

- Vocês foram de ambulância e – apontou para o casal de namorados – nós pegamos um ônibus lotado que sofreu um pequeno acidente... eu e Anne beijamos o chão nojento e frio daquela maldita condução. Era a última viagem daquele motorista e ele abusou em atravessar um farol que já estava passando do amarelo, daí veio uma freada brusca e feia.

Abriram um sorrisinho obtuso, pois gargalhada não caberia a um dia de tantos incidentes.

A galera em peso foi para a casa do Fabrício e o som já estava ensurdecador. Um DJ animava a festa rolando muito som eletrônico deixando os adolescentes alucinados e delirantes. O menino saiu da festa não suportando a primeira hora de muita música e dança. Os amigos o olharam de

um jeito desdenhoso como se não fizessem questão da presença dele ali na festa. E ele caminhou vagorosamente até a esquina e quando olhava para trás via as luzes e raios lasers como coisa louca e degradante. Não suportou. Sua namorada numa chispa veio após ele:

- Miguel – esse era seu nome. Pelo menos o nome que seus pais adotivos o chamavam. Muitas vezes pensara ou sonhara com seu verdadeiro nome. Aquele que seus pais biológicos colocaram ou pensaram em colocar.

- Dahlia, se quiser ficar lá não me importo. Eu saí porque não consigo suportar o som. Deve ser uma reação do remédio que me deixa meio mole – fitou a menina com sinceridade nos olhos e – eu não quero estragar sua festa. Sua noite. Nunca mais quero estragar.

Dahlia que segurava sua mão, aos poucos foi se soltando e seu semblante foi abrindo um amigável sorriso daqueles que garotas dão em troca de um agradecimento verbal ou no lugar de um abraço apertado.

- Você é sem igual!

Dois garotos mal encarados curtiram a cena da separação e logo que a menina voltou para festa um deles entrou dando uma cotovelada no parceiro, como quem diz: essa que eu tava esperando!

O menino viu a cena e nutriu pensamentos estranhos da qual sempre teimava em pensar: não sou igual aos outros; não sou terreal; tenho poderes; se eu me esforçar poderei ler pensamentos. E, de longe meditava ou encasquetava com uma de suas atitudes e a pior delas foi deixar Dahlia para outro alguém. Se fosse para alguém melhor e normal não teria problema, pensava. Subiu no muro alto de uma construção e ficou velando a festa que se recusava a terminar. Não vira outra vez, nessa noite, a sua ex e achava bom que não a visse mesmo, ainda mais com outra pessoa. A madrugada era bem agradável e sua posição de guardião, de pé sobre o mais alto muro, foi mantida até que o último casal abandonou a casa do amigo festeiro. Ainda bem – pensava! - Nem sinal de Dahlia. Nem sinal de Anne ou Clara – tanto faz – deu de ombros.

CAPÍTULO III

O outono chegou com ventos gelados e faustamente assombrosos aos que não tem amores. Dias e noites enfurnado em casa, envolto em cobertas quentes e pensamentos impertinentes. Dahlia nunca mais ligou, nem ele. Ela nunca mais apareceu à sua porta, nem ele à dela. Soubera por e-mail enviado por um amigo da escola que a menina estava namorando um colega da turma do segundo ano médio. Ignorou o fato de ela estar com alguém, mas se consumia em saber que ela iria embora daquele bairro próximo ao seu. Abandonou o aconchego de sua casa e ficou de plantão na mesma esquina que costumava ver a menina antigamente. O vento gelado parecia mais glacial do que nunca fora em dias de outono e a pele exposta queimava. Seu cachecol esvoaçava de forma biruta. Uma gota de lágrima de cada olho exibia a tristeza contida do menino ao ver o caminhão que levava a mudança passando por ali. Ela não foi vista, pois teria deixado a cidade um dia antes com sua mãe. No caminhão de mudanças estavam três homens, um era o pai da menina. O poste estava aceso e a luz acesa durante o dia traz um ar de tristeza e nostalgia pela sua insignificância. Certamente por que ainda em alguns lugares não havia necessidade da sua luminosidade.

O bairro ficou triste. Os amigos pouco se viam. Entrou o inverno com rigor e ele passava boa parte do tempo em cima de uma laje da casa da esquina que estava em construção há pelo menos dois anos e nunca terminara. Indagava-se sobre a idéia de não poder mais vê-la. Não conversaria sobre ela com ninguém, nem mesmo com seus pais. Apenas fazia gestos para o céu como uma oração em linguagem de sinais. Porque tudo para ele era diferente: o tempo, as oportunidades e as amizades. Será que conhecia o céu e a quem dirigia tal oração? Seus pais adotivos há três anos deixaram de lhe chamar de anjo, pois já era um mocinho e adolescentes não gostam de muito paparico. Nas tardes geladas de inverno corria e trepava em muros, achando que fazia coisas que ninguém normalmente conseguiria. Cultivava o pensamento de que voaria a qualquer momento quando menos esperasse. Sentia-se leve e se jogava na brisa gélida vespertina e voltava para casa na hora do jantar quentinho e delicioso. Tomava banho e pegava no sono com extrema rapidez repetindo para si mesmo: hoje voei!

CAPÍTULO IV

Os anos fugiram do controle e passaram extraordinariamente ligeiros diante dos olhos de Miguel que tornara-se um rapaz formidável, inteligente e belo. Deixou os pensamentos de que um dia voaria ou leria pensamentos. Depois de um ano no serviço militar resolveu entrar para a polícia. Sua mãe não gostou muito da ideia e seu pai não demonstrou partido algum nisso. Seu pai era muito ocupado com o ramo de vendas de imóveis e sua mãe era uma excelente professora. A mãe gostaria que o rapaz entrasse numa faculdade antes de pensar em trabalhar.

Numa tarde de primavera, sem esperar, muito decidido Miguel saiu ficou o resto do dia fora. De noite trouxe a notícia para seus pais de que estava matriculado em uma universidade local e começaria dali a algumas semanas seu curso. A mãe saltou de alegria e deu vários beijos no filho. Depois o pai lhe deu um forte abraço desejando todo o sucesso do mundo para ele.

Os pais torciam para que ele arrumasse muitos amigos, pois passara a ser solitário desde que rompera com Dahlia. Menina, que nunca mais ouvira falar. Nem os antigos amigos que tiveram um pequeno contato com ela ou a encontraram em alguma balada, nunca dirigiram a Miguel alguma notícia.

Dias antes de começar o curso, deitado na cama olhando o teto pintado pela metade na última reforma da casa. Nada, nada mesmo tirava da cabeça de Miguel aquele incidente depois do cinema que mudou extremamente o relacionamento de seus amigos para com ele e sua namorada da mesma forma estranha. E, Aqueles ferimentos de Clara e Anne foram os ladrões que causaram. Com certeza! Eu não sou louco e nunca usei drogas ou bebi coisa forte, pensava.

Seria eterno como um ser do céu? Certa manhã acordou com isso e matutou o dia inteiro. Parou de pensar nisso no momento em que se preparava para pegar o coletivo que o levaria à faculdade. Era seu segundo ano. Novos amigos e amigas ganhara e preenchia suas horas vagas com conversas pelos

corredores de piso frio da faculdade. Ora ou outra que estava só, ia para o andar mais alto e se apoiava no peitoril de ferro e se inclinava para ver o povo lá em baixo. A multidão conversando dava a impressão de imensas cascatas despejando água ininterrupta sobre um grande lago cercado de pedras. Olhava para o longínquo teto com lâmpadas que pareciam pequenos sóis iluminando aquela turma descontraída e juvenil. Sentia que poderia se jogar dali de cima, não para suicidar-se, mas para mostrar-se que era diferente de todos os outros jovens. Porém isso não seria certo, porque uma vez lera que nem o próprio Cristo na tentação do diabo se jogou do pináculo para dar espetáculo. Concentrou-se avidamente na possibilidade de possuir uma missão, embora não tivesse a menor ideia de qual seria ela.

Nunca mais encontrara alguém que lhe chamasse a atenção ou lhe fizesse querer andar e cuidar dessa pessoa. Dahlia vinha ao pensamento como um fantasma que te assombra todas as noites perto da hora de dormir ao ponto de pensar se estava ele sendo perturbado pelo passado ou ele mesmo se perturbava por tê-la deixado naquela festa. Dormiu.

Mais um semestre, concomitante entre duas estações. Numa viagem simples de ônibus uma visão avassaladora arrebatou seu coração o espremendo como laranja para extrair o suco. Ela subiu no coletivo cultivando um ar imponente. Um olhar altivo e penetrante. Silhueta formosa, rosto com traços fortes e formidáveis. Seus cabelos a cada passo se elevavam soltos e eram louros clarinhos, olhos azuis e vibrantes. Ao fitá-la tudo girava e tudo sumia das órbitas naturais de um coração perturbado pela solidão e fantasmas de um passado. Naquela noite, quando fora dormir notara que a visão da bela havia expulsado todas as perturbações e exterminado os fantasmas antigos do seu interior.

Teve um dia diferente. Muitos dias diferentes. Mas ainda não tivera a oportunidade de conversar com aquela bela garota que lhe ampliava a calma e a esperança de dentro da alma de um coração flagelado pelo amor recôndito em sua amplidão poética.

Um dia teve o prazer de sentar-se ao lado da formosura e sem jeito algum começou uma conversa sem pé nem cabeça. Mas a fez rir, e meninas gostam de rir das palhaçadas naturais dos rapazes. Iam para a mesma faculdade e falavam coisas pertinentes a ela. Era bom estudar lá ou não? Não importava,

pois o relevante de tudo isso é que o coração de Miguel renascia como a Fênix. De coração cinzento a coração flamejante e bem vivo. Não moravam longe um do outro, então, combinaram um piquenique num parque. A primavera era vista com outros olhos neste ano e no ônibus teve o primeiro ato de coragem antes de irem para esse primeiro encontro. Sua mão percorreu centímetros, estremecendo e suando, até segurar a delicada mão da menina, que imediatamente apertou os dedos dele em aprovação.

Fazia um dia formidável e os raios de sol abençoavam todo ser que respirava a deliciosa brisa daquela primavera. As borboletas coloridas passeavam pelo parque compartilhando as flores viçosas com as abelhas e beija-flores. Chegaram. Ele veio numa bicicleta roxa e ela numa bicicleta rosa e estenderam sobre a grama uma toalha xadrez. Pães, geleia, suco, uvas, maçãs, bolo e mel.

- Sabia que seu cabelo reluz como ouro ao ser banhado pelo sol? – numa voz doce a menina disse.

- Já me disseram isso. Nunca me vi no sol. Devo trazer um espelho na próxima vez? – sorriu singelamente passando geleia no pão.

- Não precisa. É só você acreditar em mim – Giselle fitou Miguel como nunca se viu igual. Parecia que seu olhar se fundiria com o dele e seu rosto se refletiria no dele.

Uma inevitável aproximação; as respirações mais profundas que se possa sentir; lábios sedentos se aproximando, de leve, um toque, quente, úmido, delicado, apaixonante, flamejante, estupendo e voraz. Um átimo de ternura que surpreende o inesperado. Uma explosão... inesperada explosão... dois estouros sonoros e violentos. Não!

- Nãoooooo! – berrou Miguel.

O semblante lindo e corado perdia a cor e a vida em seus braços. Largada e quase sem vida nos braços do rapaz estava Giselle. Agonizava e seus olhos perdia o brilho.

- Ambulância! Chamemmm...

Do outro lado da rua numa chispa violenta um motoqueiro saiu rasgando o asfalto e segurava uma sacola. Assalto. Disparou dois tiros. Um deles atingiu Giselle.

Os olhos de Miguel queimavam e seu berro faiscava clamando por socorro para sua namorada. Uma senhora de celular chamou a emergência. Ele deitou a menina sobre a relva verdinha ao lado da toalha. A costa da menina ensanguentada ensopou suas mãos. Tiro no pulmão era evidente.

A moto de quinhentas cilindradas ganhava o final da avenida em segundos. Miguel se pôs de pé e principiou a correr. Correr como um desvairado. Olhos que queimavam como labaredas pareciam enxergar a moto a centenas de metros. Seus ouvidos estavam tão apurados que o único ronco que ouvia era do motor da moto que ganhava outra avenida a cento e trinta por hora. Seus pés pareciam elevar-se do chão e sua velocidade era absurda para qualquer campeão mundial em cinquenta metros ou maratonistas resistentes à distância elevadas.

Logo, avistou a moto que atingia seus cento e oitenta numa reta implacável para uma perseguição. Seus olhos minavam lágrimas quentes como lavas e seus punhos pareciam brasas incandescentes. Freneticamente seguiu a moto e sentiu que deveria saltar em cima do assassino. E, voou numa velocidade impressionante plantando os dois calcanhares nas costas do motoqueiro, fazendo com que seu tórax fosse comprimido contra o tanque da moto. Não aguentando o impacto, o eixo dianteiro estourou e estatelaram-se o motoqueiro e a moto. Deslizaram sobre o asfalto quente por mais de cinquenta metros.

Curiosos cercaram o lugar; carros pararam, pessoas chamaram o socorro. Motoqueiros pararam imediatamente para ver o que podiam fazer pelo acidentado. Mas, quando perceberam a arma caída perto da moto sentiram que era caso de polícia.

Notas de vinte e de cinquenta salpicavam o asfalto banhadas em gasolina. O motoqueiro respirava com dificuldade por causa das oito costelas quebradas. Sob a viseira quebrada e capacete rachado ele pareceu focar o pouco sentido de visão que ainda tinha num ponto no topo de um prédio onde uma figura humana estava de pé olhando fixamente para ele. Era Miguel com a camisa branca manchada de vermelho. Sangue da amada. Vida derramada em escarlata e inocência vitimada por um ser que possui um poder de destruição chamada arma de fogo ou idiotice destruidora.

O céu se fechava. Bem diferente da manhã que fez hora atrás. Choveria de fato e ele não sabia como sabia que choveria, apenas sabia. Como vim parar aqui em cima? Voei, claro que voei. Eu sabia que poderia fazer isso, pensava, sem tirar os olhos lá de baixo.

Na pista, paramédicos tentavam reanimar o motoqueiro usando o desfibrilador. Mais algumas tentativas sem sucesso. Cobriram o corpo e logo encostou o carro do capitão de polícia e seu rádio informava: esse é o mesmo motoqueiro que roubou um estabelecimento neste mesmo setor da cidade e efetuou dois disparos contra o vigia da loja. E, um dos disparos fatalmente pegou uma jovem na proximidade da loja, um parque em frente ao estabelecimento.

De cima do prédio, Miguel, com a audição superaguçada ouvia tudo. Foi tomado por um sentimento de nada nesse instante: nem tristeza pela perda, nem raiva do assassino, nem conformidade por seu ato de justiça que gritava em seu interior como vingança.

Lembrou que quando criança e adolescente cria que poderia voar ou ler pensamentos. Tentou concentrar-se no capitão da polícia lá em baixo e nada. Ninguém pode estar em todos os lugares, ler os pensamentos e dominar todas as coisas a não ser Deus, pensou.

Fechou os olhos e gotas grossas de chuva deram a cair. O céu chorava. Ele não conseguia. Os raios passavam lambendo o prédio e se perdiam nas antenas de pára-raios. Queria berrar como o trovão e chorar como o céu, mas sem conseguir sentou-se na beirada do prédio. Um caldo vermelho ia saindo de sua roupa e manchando o prédio bege.

Lembrara que nunca sentira dor, mas franquezas muitas vezes. Pois agora sua nuca ficou dolorida e seus olhos saíram das órbitas. Sua cabeça girava. Outro raio arrebentou próximo. Inclinou-se e caiu como aquele susto que se toma no princípio de um cochilo. Quando deu por si estava prestes a estatelar-se no piso de pedras magníficas que ladeavam a piscina desse condomínio. A queda sem fraturas. Milagre?!

CAPÍTULO V

Agora se encontrava em uma canoa velha deslizando sobre a superfície tranquila de uma água cristalina e iluminada por astros celestiais muito cintilantes. Cada estrela refletia na água como se fosse uma noite cálida e convidativa para um passeio de barco. O marulhar soava como vozes que diziam várias coisas ao mesmo tempo e eram nítidas as perguntas dirigidas ao rapaz que navegava fitando o horizonte que era iluminado por um astro-rei diferente do sol que se conhece. Palavras soltas ou frases eram impelidas pelas ondas calmas: Vingança ou justiça? Força ou destreza? Bondade ou maldade?

O coração se enchia de tais indagações e a memória da formosa garota circulava ao redor dos pensamentos como adjetivos: doce, sincero, amável, sensível, surpreendente, viva, adorável, etc.

Tal situação despertara o que ele sempre fora? A última visão que o motoqueiro assassino tivera antes de fechar os olhos fora a dele como um anjo vingador no alto daquele prédio? Não deveria ter se envolvido com uma mortal? Será que sou imortal? Por que minha percepção não me alertou antes da tragédia? Muitas indagações foram atribuídas a Miguel enquanto navegava pelas águas que espelhavam o céu límpido azulado.

Um mar de lembranças parece não ter fim. À deriva sem avistar praias e ilhas por quilômetros e mais quilômetros. Nenhuma nuvem vinha para esconder o sol que já se colocava no centro do céu e o calor parecia consumidor e a sede começava a instigar a alma por um refrigerio imediato. O sol ardia e as ondas falavam sem intervalos. Não sabia se a direção era para o norte ou para o sul. A boca seca e língua colada ao céu da boca impediam o rapaz de pronunciar uma prece. Porém, sua mente nunca estava presa. A liberdade de seus pensamentos voava sem restrições e criaram pequenas nuvens para lhe proteger do sol escaldante. Olhos ofuscados por tanta claridade viram uma pequena ilha muito distante. Uma miragem não poderia ser. Coqueiros, matas, entre outras árvores frutíferas eram notados à distância. Um nome deveria ele escolher para esta ilha. Pois ele a descobriu e deveria batizá-la.

- Boa Esperança – imaginou que já existiria tal nome, - Regresso – quem sabe?!

Passou anos navegando por esse mar lamurioso. As indagações cessaram e os sonhos juvenis ficaram num passado pouco distante, bem pouco distante. Desperto. Seus pais foram para Europa depois que se formou na faculdade.

CAPÍTULO VI

Num apartamento recém-reformado e com mobília nova em mogno acordava Miguel. Livros variados e cadernos enchiam a mesa. Rascunhos e contas confundiam-se em garranchos entre letras e números. Uma garrafa de água mineral depositada na mesa de centro suava gotinhas sobre o móvel bem encerado. A navegação fora um sonho bem estranho ou sua lição de vida entre esse tempo de vida desde o fatal acontecimento com sua namorada da faculdade. Recordou a infância ao olhar para uma fotografia ao lado do televisor ligado com o som no mínimo. Presumia que fosse um volume suficiente para ele. A foto trazia seus pais adotivos e ele numa pescaria antes de ingressar naquela faculdade.

Décimo sexto andar. Longe do chão. Não gostava muito do chão. Sirenes lá fora faziam uma zoeira danada. Parecia despertar de um longo sono e não se lembrava da vida desde o ato de vingança. Estaria sozinho outra vez? Cocava o queixo e visitava a geladeira repleta de refrigerantes e iogurtes de papaia. A brisa fresca da noite adentrou pela janela aberta num sopro convidativo bagunçando as persianas. Dirigiu-se a sacada do prédio com uma garrafa de soda refrescante e bem gasosa. Ao retirar a tampa o refrigerante chiou e ele olhou para baixo encostando-se no peitoril. Recordou que o natal fora alguns dias atrás. Mas como teria passado esse dia. Nem se lembrou da festa de fim de ano. Será que houve uma?

Voltou para a geladeira, pois ignorara um bilhete preso a ela. Deu uma boa golada no refrigerante e foi para o sofá lê-lo.

- “Cadê a pessoa com quem me casei”? Você está muito diferente!

Fui para a casa dos meus pais. Annabelli mandou-lhe um beijo.

Ass. Verônica!”